

Deus Nem Sempre Recompensa o Bem

Rev. Mark R. Rushdoony

A natureza pecaminosa do homem o torna propenso a crer no erro de que é capaz de agradar a Deus sem auxílio. O primeiro pecado do homem foi render-se frente à tentação de Satanás “de ser como deuses”, sabendo ou determinando por si mesmo o que era bom e o que era mau. Deste modo, o homem está inclinado a crer que é tão bom quanto pode ser, e, talvez, um pouco melhor do que necessita ser. – Certamente, os homens com tal atitude estão dispostos a permitir a si mesmos um pouco de flexibilidade moral pelo menos de vez em quando – Quando um homem sente que é capaz de agradar a Deus, tende a impor o que ele acha que irá satisfazer a Deus, porém não mais do que isso. Os homens que pensam que são “suficientemente bons” para agradar a Deus, essencialmente se elevam a si mesmos acima de Deus e dividem com ele o reconhecimento e o respeito que lhes parecem suficientes.

Inclusive os filhos de Deus devem estar em guarda contra esta atitude de “os suficientemente bons”. Apesar de redimidos pelo sangue de Jesus Cristo e capacitados por seu Espírito, todavia estamos sujeitos aos pensamentos e condutas rebeldes, nos quais andávamos outrora. Quando deixamos de pensar os pensamentos de Deus segundo ele, em obediência fiel, inevitavelmente regressamos aos nossos primeiros pais. Repetimos o pecado de Adão e Eva, e tratamos de “ser como deuses”, determinando por nós mesmos o bem e o mal.

É bastante fácil pensar em relação aos pecados que são meramente resultados de nossa natureza pecaminosa. Sim, algumas vezes justificamos nossos atos de pecado se estes parecem suficientemente pequenos e insignificantes ante nossos olhos. Tal desobediência à Palavra de Deus é certamente um testemunho freqüente do nosso desejo de ser deuses. Todavia, há uma maneira mais comum, na qual, como cristãos, podemos exibir uma atitude de “os suficientemente bons” e esperar que Deus aceite nossas migalhas como se fossem nobres ações.

AS BOAS OBRAS

Cristo abordou este assunto das “boas” ações, e em que medida são dignas de elogios por parte de Deus, em seu Sermão do Monte no início do seu ministério. Os cristãos discutem freqüentemente a questão se os não-crentes podem fazer alguma coisa boa perante Deus ou se todas as suas boas ações são, em si mesmas, pecado aos olhos de Deus devido à sua própria posição como rebeldes ante os seus olhos. Contudo, talvez seja mais apropriado reconhecermos que até mesmo as boas ações dos cristãos podem não receber recompensa da parte de Deus. Em seu Sermão do Monte esse é o assunto mais pertinente abordado pelo nosso Senhor.

Cristo falou a respeito de três formas de piedade (Mateus 6.1-18): Fazer caridade ao pobre, a oração e o jejum. Suas palavras foram uma advertência para que não perdêssemos nossa recompensa pelos atos de piedade: *Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste* (v.1). As palavras-chaves aqui são aquelas que se referem a “*ser visto pelos homens*” como a motivação dos atos piedosos. A advertência é clara. Se nossa motivação é o reconhecimento por parte dos homens, então: *Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.* (v.2b). Quer dizer, o

reconhecimento que buscamos, a adulação e a reputação como realizador de boas ações é, em si mesma, nossa única recompensa. Não receberemos mais nada da parte de Deus.

Cristo disse o mesmo da oração. Aqueles que transformam suas orações num *show* - *Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.* (v.5b) – Possuem a estima dos homens e a reputação de piedade que buscam, mas não terão mais recompensa de Deus, sequer pela oração.

De igual modo, aqueles que jejuam em público para que todos se dêem conta de que estão sofrendo por sua piedade, não ganharão nenhuma recompensa da parte de Deus - *Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.* (v.16b) – Sua recompensa é a imagem que cultivam nos outros.

A mensagem de Cristo é clara. Não há boas obras causadas pelo reconhecimento. Dê ao pobre em secreto; ore em secreto; mantenha teu jejum como um ato privado. Em cada ato de piedade tenha cuidado em evitar qualquer confusão acerca de teu desejo de convertê-lo num *show* para receber o favor dos homens. Se não se faz isso, Deus não recompensará nenhum ato de piedade.

Até os atos de piedade mais legítimos devem ser realizados como serviços a Deus. Deus não quer ser nossa motivação secundária. Se a nossa motivação é servir a Deus devemos levar a cabo nossos atos de piedade diante dele. Se servirmos a Deus por qualquer outra razão, esta razão será a fonte da nossa própria recompensa. Deus não requer, nem aceita, nossas motivações secundárias.

Isto tem uma quantidade aparentemente infinita de aplicações:

Se uma criança faz sua tarefa para poder sair com os amigos no sábado, essa é a sua única recompensa. Para ser digno de elogio perante Deus as tarefas devem ser feitas como para o Senhor.

Se um homem é fiel à sua esposa por temor da vergonha a que se veria exposto por causa de uma aventura ilícita, a manutenção de sua imagem pública é a sua única recompensa. Para ser digna de elogio, a fidelidade deve ser levada a cabo em termos de obediência a Deus.

Se uma esposa obedece a seu marido porque se cansou de estar brigando, então qualquer que seja a tranquilidade que sua obediência proporcione, esta é a sua única recompensa. Para ser digna de elogio, a obediência tem de ser em termos de sua submissão ao pacto matrimonial e aos seus votos a Deus.

Se um empregado trabalha esforçado porque espera um aumento, esta recompensa monetária é a soma que pode esperar. Para ser digno de elogio da parte de Deus o trabalho deve ser produto de entendimento de sua responsabilidade perante Deus.

Se uma igreja tem como seu propósito uma assistência (audiência de público) mais alta, então o incremento dos números será sua única recompensa. Deus olha nossos corações e julga nossos atos de piedade e devoção. Aqueles feitos por qualquer outro motivo que não seja o de honrar nossa responsabilidade de obedecer fielmente a nosso Pai Celestial não receberão nenhuma recompensa por parte dele.

Se nos detivermos e nos examinarmos a nós mesmos, talvez encontremos menos razões para esperar bênçãos da parte de Deus do que pensamos. Ademais, se não esperarmos intencionalmente que Deus esteja satisfeito com o que lhe entregamos, nossos atos de devoção muitas vezes se dará em desenvolvimento pequenos e lentos.

AS BOAS OBRAS DOS NÃO-CRENTES

Ainda assim, a questão das boas obras dos não-convertidos continuará em relevância. Poderíamos definir uma obra em si mesma como boa (como oposta ao que é pecaminoso) se estiver em concordância com a Lei de Deus. O problema é que separamos de maneira inapropriada as ações dos indivíduos. Como podemos ver nas palavras de Cristo em Mateus 6, nem todas as “boas” obras são dignas de elogio ou recompensa por Deus. As obras do não-crente certamente não possuem méritos para alcançar a salvação. Isso presumiria que o “brincar de ser deus” de Adão e Eva poderia burlar a justiça de Deus. Mas se o não-crente quiser fazer o que é correto em qualquer caso particular, ele pode, às vezes, simplesmente fazer isso. Quer dizer, seus atos ou decisões podem estar em conformidade com a Lei de Deus. O feito pode ser correto, mas não pode ser digno de elogio ou recompensa, porque não podemos retirar um feito do status moral do homem. Nem sequer as boas obras do crente são dignas de recompensa se são realizadas por razão equivocada.

Os únicos atos de obediência ou piedade que Deus recompensa são aqueles feitos em obediência fiel a ele. Obedecer a Deus por alguma razão diferente de que ele é Deus e que exige a nossa obediência, implica que há mérito ou algo digno de elogio em nossas ações por si mesmas. Sem o mérito de Jesus Cristo aplicado em nós pela habitação interior do seu Espírito, não há nada que façamos que seja digno de elogio por parte de Deus. Portanto, ao servi-lo, devemos ter como nosso único motivo seu elogio e sua glória. Os atos de piedade não são para mostrar quem somos, mas para mostrar que sabemos quem é Deus. Devemos examinar nossos motivos; Deus nem sempre recompensa o bem.

Tradução: Raniere Maciel de Menezes.